

José Bonifácio

A' MARGEM DA CORRENTE....

(Para o "Diário da Noite")

BAPTISTA PEREIRA

Andrada por um conjunto de qualidades atávicas, sobrinho e neto do patriarcho, reviam-se nelle a integridade, o desinteresse e honradez dos antepassados. O sangue dos O'Learys dava-lhe a intensidade de vida interior, a lava subjectiva dos irlandezes.

Era uma natureza egó. Sensível ás vibrações da harmonia, escutava os accents intimos dos seres e das cousas. Tinha mais de um ponto de contacto com o grande Lamartine, para quem a Posteridade está agora recomencando.

Ambos pela visão objectiva conseguiram triumphar do estigma dos sonhadores com que a poesia inhabilita os seus iniciados aos olhos dos que entendem, "que a politica tem de ser uma divindade cega e surda-muda". Ambos applicaram a imaginação e o senso da utilidade aos negocios da Patria; que dos proprios, tanto um como outro, sempre se esqueceram, não por incapacidade, mas pelo divino desinteresse da abelha, que se esquece da propria, para só lembrar da finalidade da colmeia.

Nesse Lamartine sem aventuras, o amor, como um arrego de margens placidas, nunca franbordou do alveo conjugal, paradoxalmente, encrespado pela ressaca de um zelo vago e absorvente.

Filha da hypersensibilidade e não da razão, essa mentalidade exclusivista e ciosa até dos pensamentos da consorte querida, acarretou-lhe um grande desgosto.

A esposa, cuja rara formosura se aureolava da mais peregrina virtude, deixou-se plasmear pela intransigencia do seu zelo. Enfermando na sua ausencia, preferiu morrer a deixar-se examinar por um obstetra.

Lembra aquellas rainhas de Hespanha que, para não ferir o supercilioso orgulho dos Habsburgos, preferiam perecer num accidente a serem salvas pelas mãos sacrilegas dos vassallos.

O esquife, que lhe levou a mulher estremeçada, levou-lhe tambem o coração. Concentrou a sensibilidade nos filhos e a intelligencia nos grandes problemas da Patria.

Nunca teve a occasião de ser o centro da vida nacional como o grande francez. Nunca teve o ensejo de arrancar das mãos da plebe enfurecida a bandeira vermelha da anarchia e de salvar em pleno naufragio moral o pavilhão das instituições liberaes. Mas quem o estudou attentamente verá em ambos as mesmas reservas de elevação e descortino, sobrepairando em vôos de agulha, a resonancia e ao rythmo da obra poetica.

Castro Alves conheceu-o em São Paulo como seu mestre em direito. Ha entre ambos um jogo de accões e reacções, em idéas e sentimentos, cuja influencia é facil de reconstituir no castro-abolicionista e liberal das duas individualidades. Comprehenderam-se e aproximaram-se. José Bonifacio dava ao alumno a honra de repetir-lhe versos de cor.

José Bonifacio, grande como era, tinha de ser sensível a todas as grandezas. A maior grandezza de Castro Alves é a de ser brasileiro.

O neto dos Andradas sentio-o primeiro talvez que ninguem.

Toda a harmonia panthelista do Brasil cabe na alma de Castro Alves.

A nossa flora e a nossa fauna deram-lhe temas literativos com que orchestrou a sua obra, que é a Symphonia da Abolição.

Como se quizesse alçar o pensamento á altura e á força das cachoeiras, no seu preludio escachôa o rythmo de Paulo Affonso.

E o epilogo da epopéa symphonica, em seus clarins, em suas trompas, em seus oboés, em seus instrumentos de metal e corda, de percussão ou de sopro, a cujos sons estremece o auri-verde pendão, annuncia ao lado de Colombo, padroeiro da America, o vulto de Andrada, padroeiro do Brasil.

A obra redemptora de Castro Alves se balisa entre dois colossos Paulo Affonso e José Bonifacio: a Cachoeira e o Navio Negreiro.

Coube ao segundo José Bonifacio ser o professor do moço bahiano em São Paulo. Mais que o professor, o amigo. Quando elle falleceu, o mestre, que o estremeceia, procurou um symbolo para a sua saudade, symbolo em que coubesse toda a sua admiração e toda a alma do Brasil. E achou-o.

A' margem da corrente. E' o rio da vida que passa. Suas ondas reflectem tudo. Principalmente as nuvens que passam, e os homens que passam como as nuvens. Mas tudo tem voz: as aguas, as aves, as flores, as arvores, os céos.

Achar o que traduza esse poema da natureza, seria o problema, se justamente o caracteristico do genio não fosse resolver os problemas antes de os pôr em equação.

Falam aguas, aves, flores, arvores e céos.

A harmonia irrompe abrupta e argentina, rorida e clara, como a voz plangente e saudosa da natureza tropical. E' o sabiá que canta. E' todo o Brasil que canta na voz do sabiá.

O sabiá que gorgeia no olho da palmeira de Gonçalves Dias poderá desferir o canto de mais alto; Mas o que canta na laranjeira em flor de José Bonifacio tem mais saudade.

As cordas da sua garganta são mais parecidas com as do coração brasileiro, traduzem melhor a nossa lingua, exhalam melhor o perfume dessa "flor amorosa de tres raras tristezas".

O príncipe Maximiano de Newwied achou na voz dos passaros cantores a mesma differença que ha entre os instrumentos de sopro e os instrumentos de corda. Os nossos pertencem á segunda especie. Ao passo que o rouxinol é a flauta argentina dos balseados europeus, o sabiá é a verdadeira viola de pennas das nossas devizes.

E não ha nada que fale mais do que a corda ao nosso coração tambem feito de cordas.

A' margem da corrente... Canta o sabiá... E' o Brasil que eleva um hymno ao maior dos seus poetas.

A sombra do grande Andrada ouviu a apostrophe do Navio Negreiro; arrancou dos ares o pendão negro desfraldado pela pirataria escravista "nas aguas da jurisdicção divina".

E mandou que o neto descesse ao portão dos escravos que a corrente dos tempos, espelhando a sua imagem, iria um dia desembocar na abolição, na immortalidade e na gloria.